



Aponte a câmera do celular para o QR Code e assista a um depoimento de Yanai Gilboa, morador do kibbutz de Bror Hayil, a 7km da Faixa de Gaza

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



ORIENTE MÉDIO

Gabinete do primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, aprova o acordo de cessar-fogo e a troca de sequestrados por presos palestinos. Libertações terão início amanhã. Neto de israelense mantido pelo Hamas em Gaza fala ao **Correio**

À espera dos reféns

» RODRIGO CRAVEIRO

Assim que cruzarem a fronteira com a Faixa de Gaza e retornarem ao sul de Israel, todos os 33 reféns libertados na primeira etapa do acordo de cessar-fogo receberão uma mochila com seus itens favoritos. Uma maneira de trazer conforto a quem enfrentou mais de 460 dias de incerteza, angústia e medo da morte. Depois da volta para casa, os ex-reféns passarão por um longo processo de avaliação médica e de tratamento psicoterapêutico para curar as sequelas de tanto tempo no cativeiro.

A Operação Asas da Liberdade, como é chamada mobilização logística para o regresso dos 98 sequestrados ainda em poder do movimento extremista palestino Hamas, envolve a preparação de seis hospitais — quatro deles localizados na região central; os outros dois estarão de prontidão para casos mais urgentes, por se situarem próximos a Gaza.

Depois de mais de sete horas de deliberação, que invadiu o *shabbat* (dia sagrado de descanso para os judeus), o gabinete do premiê israelense, Benjamin Netanyahu, aprovou o acordo de cessar-fogo com o Hamas, mediado por Catar, Egito e EUA. Segundo a imprensa de Israel, 24 ministros votaram a favor e oito, contra. Com isso, os três primeiros reféns deverão ser libertados a partir das 12h15 de amanhã (7h15 em Brasília). Mais cedo, o gabinete de segurança de Netanyahu tinha avalizado o pacto.

Na quinta-feira, a trégua em Gaza ficou algumas horas no limbo, depois que o ministro da Segurança Nacional, Itamar Ben Gvir, avisou que sairia do governo, caso o acordo fosse aprovado. Até mesmo integrantes do Likud, partido de Netanyahu, expressaram reservas em relação a uma negociação com o Hamas.

Listas

As autoridades israelenses divulgaram uma lista com os nomes dos 33 reféns. São 12 mulheres e crianças e 21 homens — 10 deles com 50 anos ou mais; os mais idosos são Oded Lifshitz, 84, e Gadí Moshe Moses, 80. Os mais novos são os irmãos Kfir Bibas, 2; e Ariel Bibas, 5. Israel também publicou a lista dos 95 prisioneiros palestinos que serão soltos antes das 16h de amanhã (11h em Brasília).

O Hamas somente divulgará a identidade dos três primeiros sequestrados soltos horas antes da devolução a Israel. O presidente da Autoridade Palestina, Mahmud Abbas, garantiu que está pronto para assumir "toda a responsabilidade" em Gaza depois da guerra.

Jack Guez/AFP



Parentes de sequestrados pelo Hamas fazem uma declaração à imprensa, em Tel Aviv: 468 dias de agonia, medo e incertezas

Depoimento

"O acordo é o melhor que pode ser"

"Eu esperava que o acordo de cessar-fogo fosse algo mais simples, sem qualquer problema de pular entre fases. Acho que uma única fase poderia ser melhor. Mas, este é o acordo. É o que é. Acho que é o melhor que pode ser. É claro que coisas aconteceram antes. No entanto, é muito difícil negociar com uma organização terrorista que deseja, muitas vezes, coisas que Israel não pode dar. Do outro lado, temos alguns problemas, também. Eu agradeço o presidente Donald Trump. Ele foi a chave para que isso ocorresse, ao afirmar que Netanyahu teria que libertar os reféns. Tivemos sorte por Trump ter sido eleito.

Meu avô, Oded Lifshitz, está em poder do Hamas, em Gaza. Ele é uma pessoa

incrível. Começou a erguer o kibbutz de Nir Oz da areia, na fronteira de Israel, em 1957. Ele cultivou um jardim de cactos fascinante, que tem 64 anos e é uma das belezas do mundo. Meu avô sempre lutou pelas minorias e defendia que Gaza tivesse uma educação adequada. Acredita que esse seria o único modo de resolver esse conflito. Não disseminar material de ódio contra Israel. Ele é uma pessoa que ama sua família, os filhos, os netos e a bisneto. Além de jornalista, é um ativista pela paz, que sempre lutou pela coisa certa."

Daniel Lifshitz, ex-goleiro do Maccabi Tel Aviv. Na foto, com o avô, Oded, 84 anos, sequestrado no kibbutz de Nir Oz

Arquivo pessoal



O jornal *The Jerusalem Post* informou que cada refém ficará hospitalizado por, no mínimo, quatro dias. Nos centros de saúde, as mulheres serão submetidas

a testes de gravidez. Todos os 33 serão avaliados por nutricionistas, médicos e psicólogos. Os hospitais ganharão leitos luxuosos e aposentos para receber

os familiares. Especialista em transtorno do estresse pós-traumático e chefe do Departamento de Resiliência da Zaka — organização sem fins lucrativos de

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Agenda acidentada para Lula e Trump

Pelas circunstâncias envolvidas, as ausências de Lula e Bolsonaro nas cerimônias pela volta de Donald Trump à Casa Branca, na segunda-feira, esboçam uma das linhas em que se desenvolverão as relações bilaterais com os EUA, ao menos nos próximos dois anos. O presidente não recebeu convite oficial e será representado pelo embaixador em Washington. O antecessor preparava as malas para a viagem, mas teve negado o pedido de devolução do passaporte — alegadamente, por ter apresentado ao STF apenas o convite impessoal para uma solenidade paralela.

A presença de governantes estrangeiros na posse de presidentes não faz parte da tradição política dos EUA. Mas não impede que personalidades políticas simpáticas ao empossado compareçam a eventos como o Baile Espanhês para o qual o ex-presidente se "candidatou". Ainda assim, uma comitiva de parlamentares bolsonaristas marcará presença na festa para aquele a quem consideram um aliado de importância

vital, especialmente com vistas à disputa presidencial do ano que vem.

Pontapé inicial

No futuro mais imediato, um primeiro teste poderá ser o tratamento que cada um dos dois governos adotará para com a Venezuela de Nicolás Maduro. A controversa reeleição, no ano passado, colocou ambos em rota de colisão com o regime de Caracas. Na linguagem diplomática, Lula expressou suas reservas enviando como representante o chanceler Mauro Vieira.

Assim como o colega Joe Biden, o presidente brasileiro não considerou legítima a vitória proclamada pelo chavismo. Mas não o acompanhou no reconhecimento do opositor Edmundo González como presidente eleito. Por sinal, González foi convidado e estará presente às cerimônias de segunda-feira. Em visita recente a Washington, reuniu-se com Biden e sua equipe de política externa.

A expectativa é pela abordagem prática que o novo governo norte-americano escolherá para que a oposição venezuelana não repita a contestação estéril e frustrada encenada há seis anos, com a proclamação unilateral de Juan Guaidó. Trump escalou para o Departamento de Estado o senador pela Flórida Marco Rubio, que tem origem cubana e firmes convicções anticomunistas. Com ele à frente da diplomacia norte-americana, além de Maduro, podem esperar dias difíceis os líderes esquerdistas de Cuba, Nicarágua e Bolívia.

Caras da moeda

Ao longo do ano, Lula e o assessor especial Celso Amorim tratarão de conduzir o país por mar bravio à frente do Brics. A cúpula do bloco na cidade russa de Kazan, no ano passado, definiu entre as prioridades para a presidência (rotativa) brasileira o avanço na direção de dispensar progressivamente o dólar nas trocas comerciais entre

os países associados. A orientação, defendida com ênfase por Lula, se aplica tanto aos agora 10 membros efetivos como aos 14 que deverão ser integrados como parceiros.

Desde os primeiros dias como presidente eleito, Donald Trump ameaça impor sobretaxas da ordem de até 100% aos produtos importados de países que venham a aderir ao chamado do Brics para o adeus ao dólar. Trata-se de parte da estratégia para sua guerra comercial contra a China, sob o lema de "fazer a América (os EUA) grande novamente".

Por ora, Lula e Amorim se antecipam a possíveis áreas de atrito em duas linhas. Ainda em Kazan, o assessor especial manobrou nos bastidores para barrar o ingresso da Venezuela no Brics. Paralelamente, a dupla mantém o Brasil oficialmente fora da iniciativa chinesa para a Nova Rota da Seda, vista por Washington como desafio direto e aberto a seus interesses econômicos globais.

Clima pesado

Para a política externa e a diplomacia brasileira, 2025 será dedicado, até

com mais ênfase que ao Brics, à organização da COP30, a conferência anual da ONU para o enfrentamento das mudanças climáticas. A escolha de Belém (PA) como sede do evento serviu como sinal político e isca para atrair o maior número possível de líderes à metrópole amazônica, em novembro.

Pressionado a assumir de fato a liderança à qual aspira na questão ambiental, o governo aposta as fichas na capacidade de reverter o insucesso da COP29, que terminou sem avanços e em meio a um 2024 que se anuncia como o ano mais quente registrado no planeta. A temperatura média da Terra já ameaça a meta de limitar o aquecimento global a 1,5°C em comparação com o período pré-industrial.

Aqui, Trump é o grande obstáculo. Negacionista climático assumido quando presidiu os EUA, entre 2017 e 2021, ele retorna à Casa Branca acenando com repetir o gesto drástico do primeiro mandato, quando retirou os EUA do Acordo de Paris. O que o dispensaria, inclusive, de vir ao Brasil em visita oficial sob a presidência do principal adversário do aliado (e amigo automeado) Jair Bolsonaro.